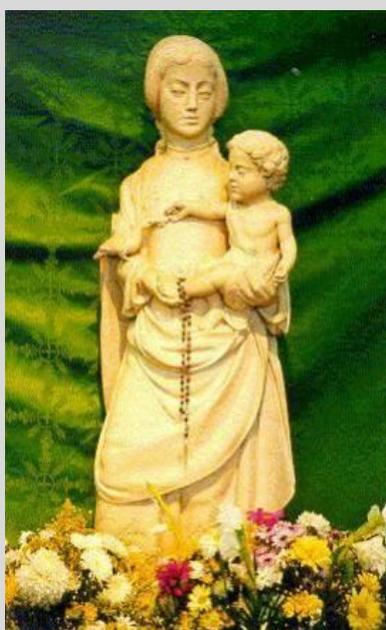




COMUNIDADES NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Movimento de Apoio Espiritual e Religioso para

Viúvas, Viúvos e Pessoas Sós

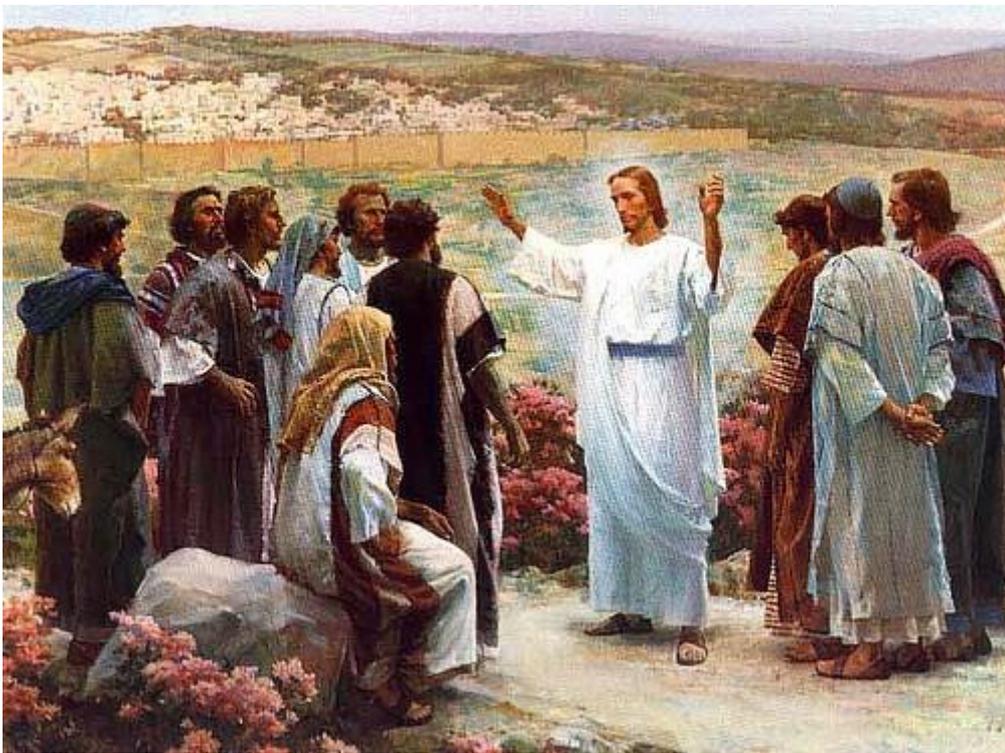


OUSAR O EVANGELHO – SEGUNDA PARTE

Discernir os sinais dos tempos

OUSAR O EVANGELHO

Discernir os sinais dos tempos



“Eu vos asseguro: Quem crer em mim fará as obras que eu faço, e inclusive outras maiores, porque vou ao Pai; e o que pedirdes em meu nome, eu o farei, para que pelo Filho se manifeste a glória do Pai.” (Jo 14, 12-13)

APRESENTAÇÃO

Caros amigos das Comunidades Nossa Senhora da Esperança, Paz e Bem.

O tema de estudos "Discernir os sinais dos tempos", ora apresentado a vocês, foi elaborado por casais equipistas e Conselheiros Espirituais da Região França - Luxemburgo - Suíça e oferecido às ENS do mundo inteiro, no ano de 2015.

Ele é a continuação da linha temática de "Ousar o Evangelho", já adaptado e apresentado às CNSE sob o título: "Acolher e cuidar dos homens". Portanto, o consideramos a II parte de Ousar o Evangelho.

Adaptado às nossas Comunidades, "Discernir os sinais dos tempos", na importância de seu conteúdo, pretende ser um estudo agradável do tema, procurando colocar os ensinamentos do Evangelho no âmago de nossas vidas.

O que significa "discernir os sinais dos tempos"? Diante das falsas e desfiguradas manifestações do amor, apresentadas no mundo conturbado e materialista dos nossos dias, é de vital importância testemunhar a beleza do amor humano (nas suas diversas facetas), de acordo com o desígnio de Deus.

O tema nos é oferecido em oito capítulos:

Olhar para o mundo de forma positiva

Olhar para o mundo em transformação

Construir a "civilização do amor"

O respeito da pessoa humana

O pobre, amado por Deus

Estar presente para o outro

Ser discípulo de Cristo hoje

A universalidade da mensagem de Cristo.

À luz do Evangelho, "Discernir os sinais dos tempos" nos convida a uma análise sobre a evolução do mundo atual, o lugar e o papel do homem de hoje quanto ao sentido e dignidade da vida, enaltecendo o caminhar com o OUTRO numa atitude respeitosa de escuta e diálogo, abrindo nossa mente e coração e nos capacitará a olhar o outro de modo fraterno.

Desejamos a todos um bom trabalho e um estudo muito proveitoso.

Maria Célia Ferreira de Laurentys

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
OLHAR PARA O MUNDO DE FORMA POSITIVA	05
CAPÍTULO II	
OLHAR PARA O MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	11
CAPÍTULO III	
CONSTRUIR A “CIVILIZAÇÃO DO AMOR”	18
CAPÍTULO IV	
O RESPEITO DA PESSOA HUMANA	23
CAPÍTULO V	
O POBRE, AMADO POR DEUS	29
CAPÍTULO VI	
ESTAR PRESENTE PARA O OUTRO	35
CAPÍTULO VII	
SER DISCÍPULO DE CRISTO HOJE	42
CAPÍTULO VIII	
A UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM DE CRISTO	47

CAPÍTULO I

OLHAR PARA O MUNDO DE FORMA POSITIVA

A) A Palavra de Deus

“Serás uma fonte de bênçãos para os povos”

“Javé disse a Abrão: “Sai de tua terra, do meio de teus parentes e da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, e te abençoarei; tornarei famoso o teu nome, de modo que se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Em ti, todas as famílias da terra serão abençoadas”. Abrão partiu conforme lhe dissera Javé. E Ló partiu com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Abrão levou consigo sua mulher Sarai, seu sobrinho Ló, todos os bens que possuíam e os escravos que haviam adquirido em Harã. Partiram para a terra de Canaã e aí chegaram” (Gn 12, 1-5).

A atitude de Abraão nesta passagem transforma-o em Pai e modelo dos crentes; ele ouve a Deus e obedece sem demora, confiante na promessa a ele feita, apesar de aparentemente extraordinária.

Esta confiança de Abraão no Amor de Deus é considerada no capítulo 1º da Encíclica *Lumen Fidei* como o ato fundamental da Fé: “Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva que a fé vai proporcionar a Abraão estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé “vê” na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus” (*Lumen Fidei* nº 9).

B) Apresentação do capítulo

“Olhar para o mundo de forma positiva”

Discernir os sinais dos tempos significa querer compreender, nesse nosso mundo de hoje, o que é sinal da presença de Deus.

A fé cristã repousa sobre a confiança no Amor de Deus e, portanto, na sua Palavra. Deus tem o poder de transformar o mundo. A esperança é o coração de nossa fé.

Se quisermos contribuir para a “chegada do Reino”, devemos mudar nosso modo de olhar o mundo, rever alguns de nossos julgamentos e modificar alguns de nossos comportamentos. Testemunhar o amor de Deus significa sair à procura do outro, daquele que não se assemelha a nós; testemunhar o amor de Deus significa querer compreender, nesse nosso mundo de hoje, o que é sinal da presença de Deus, anunciar alegremente a boa nova. Jesus não veio para facilitar a vida, ele veio trazer o fogo da terra. Ser cristão é arriscar a se expor com confiança a esse fogo.

Já no seu preâmbulo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (cap. 1, 17) convida “a Igreja a escutar os sinais dos tempos e a interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens ... conhecer e compreender o mundo em que vivemos...”.

C) Textos para reflexão

Escutar, interpretar os sinais dos tempos à luz do Evangelho

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens sobre o sentido da vida presente e da futura e a relação entre ambas. É por isso necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações e o seu caráter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo atual podem delinear-se do seguinte modo.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas reincidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa.

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais

fundo do interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direção que a esta deve imprimir.

Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo em que o mundo experimenta imensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagônicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, econômicos, “raciais” e ideológicos, nem está eliminado o perigo duma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das idéias, mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias. Finalmente, procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado.

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação quando se interrogam acerca da evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem e o força a responder”.

Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”, nº 4

Deus criou o homem para ser seu parceiro neste mundo.

Ver Deus agindo neste mundo

...Podemos dizer que, para certo número de cristãos e mesmo de teólogos, existia antes do Concílio Vaticano II uma espécie de divórcio entre a lógica da Revelação e da fé e a lógica do desenvolvimento do mundo. No entanto, o que o

Concílio queria acima de tudo era enxergar este mundo com um novo olhar, não para condená-lo, mas para conscientizar de que o Espírito de Deus, que trabalha desde a criação, continua a agir neste mundo e a produzir frutos para o bem do homem. Isto não faz desaparecer os defeitos de nosso mundo, nem os erros dos homens, nem seus pecados, mas permite perceber mais claramente que existem, na experiência humana, forças reais sobre as quais podemos nos apoiar para construir um mundo melhor.

Essa perspectiva, esse olhar de amor sobre o mundo, foi uma das instituições fundamentais do Concílio do Vaticano II. Este olhar de amor sobre o mundo traz também certa maneira de compreender o homem. Os mais antigos entre vós, ou os que leram muito, lembrarão talvez que, após a segunda guerra mundial, certas correntes de pensamento viam possível a afirmação do homem somente na negação de Deus. A relação entre Deus e o homem passava necessariamente por certa eliminação mútua: se Deus existe, o homem não existe, e se o homem existe, Deus não existe. É esta lógica infernal que penetrou nossas sociedades constituindo certo conflito permanente entre o progresso da humanidade e o progresso da fé em Deus. O Concílio quis mostrar que este conflito era uma construção artificial, elaborada por pessoas que refletiram sobre a questão e propuseram sua teoria que, porém, não correspondia à realidade do universo.

O homem está neste mundo porque Deus assim o quis, e Deus criou o homem para ser seu parceiro. Essa parceria entre Deus e o homem repousa essencialmente na capacidade interna de cada homem de escolher e viver na liberdade. E porque o homem é livre, ele pode responder a Deus, e a humanidade não pode progredir na sua relação com Deus se não trabalharmos de maneira permanente a fim de desenvolver esta liberdade, eliminar seus obstáculos, construir as condições de uma escolha livre na existência humana.

Eis a grande iniciativa, a grande intuição do Concílio do Vaticano II, que foi retomada de forma grandiosa na constituição *Gaudium et Spes* ... Essa constituição, com o conjunto dos textos do Concílio, iniciou definitivamente uma relação de diálogo com o mundo e não uma relação de condenação do mundo.

Cardeal André Vingt-Trois
Arcebispo de Paris aos Bispos da França, Março 2012

Viver com olhos de Deus é olhar o mundo com esperança.

Viver com os olhos de Deus

Era uma vez um velho homem sentado na entrada de uma cidade do Oriente Médio. Um jovem aproximou-se e disse: - Nunca vim aqui, como são as pessoas que vivem nesta cidade? O velho respondeu com uma pergunta: - Como eram as pessoas na cidade de onde você vem? – Egoístas e maldosas. Essa é, aliás, a razão pela qual estava bem contente em sair, disse o jovem. O velho respondeu: - Você encontrará as mesmas pessoas aqui. Mais tarde, outro jovem aproximou-se e perguntou exatamente a mesma coisa: - Acabo de chegar à região, como são as pessoas que vivem nesta cidade? O velho respondeu igualmente:- Como era as pessoas na cidade de onde você vem? – Eram bondosas e acolhedoras, honestas, tinha bons amigos, tive muita dificuldade em deixá-la, respondeu o jovem. – Você encontrará as mesmas pessoas aqui, respondeu o velho. Um mercador estava dando água aos seus camelos ali por perto e ouviu as duas conversas. Quando o segundo jovem se afastou, ele disse ao velho com um tom de reprovação: - Como poderia dar duas respostas totalmente diferentes à mesma pergunta feita por duas pessoas? – Aquele que abre o coração modifica também seu olhar em relação aos outros, respondeu o velho. Cada um carrega o seu próprio universo no coração”.

... Vemos o que vemos a partir de nós mesmos. No entanto, certas realidades da vida são, às vezes, muito dolorosas e existem aqueles cuja vida consiste em uma queixa lancinante e aqueles que passam por elas com certa doçura. Somos todos marcados por nossas histórias respectivas. O essencial é achar em nossa vereda pessoas que tomam nossa mão e nos ajudam quando tropeçamos. Elas são o sinal visível da presença de Deus no coração de nossa humanidade. Elas nos ajudam a ver e especialmente viver a vida de forma diferente. De fato, através de nosso coração a visão do mundo transforma-se completamente, pois a fé, a esperança e o amor são os olhos com os quais marchamos em nosso caminho de crentes. A partir deste momento, viver com os olhos de Deus significa olhar para o mundo com fé, isto é, ter sempre confiança em outrem, reconhecer que, mesmo se chegar a se perder, ele poderá corrigir-se e reencontrar-se de pé no caminho da vida. Há, portanto, essa confiança no ser humano apesar de suas fraquezas.

Em seguida, viver com os olhos de Deus é olhar o mundo com esperança. A esperança deixaria nosso coração para sempre se não existissem sinais que nos dizem que o tempo é, às vezes, esse período necessário para que o ser humano possa fazer suas próprias descobertas e amadurecer seus fracassos... O amor permite respeitar o caminho pessoal de cada ser humano, acompanhá-lo mesmo se errar e, acima de

tudo, regozijar-se quando se reencontra novamente. O amor tem sempre um toque de compaixão, permitindo-nos assim viver o perdão, ou, melhor ainda, a reconciliação. Ter fé, esperança e amor permite-nos olhar o mundo de forma diferente, pois cada um de nós carrega o universo em seu coração. Amém.

Philippe Cochinaux o.p.

D) Para refletir juntos

Como a fé, a esperança e o amor podem transformar nossa visão de mundo?

E) Orando juntos

Salmo 19

O céu manifesta a glória de Deus,
e o firmamento proclama a obra de suas mãos.
O dia passa a mensagem para outro dia,
a noite a sussurra para a outra noite.

Sem fala e sem palavras,
sem que a sua voz seja ouvida,
a toda a terra cega o seu eco,
aos confins do mundo a sua linguagem.

Aí ele pôs uma tenda para o sol,
e este sai, qual esposo de seu quarto,
como herói alegre, percorrendo o seu caminho.
Ele sai de um extremo do céu, e o seu percurso
vai até o outro lado; nada escapa ao seu calor.

CAPÍTULO II

OLHAR PARA O MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

A) A Palavra de Deus

“Toda a criação até hoje geme com dores de parto”

“Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós. A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu -, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus. Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê?” (Rm 8, 18-24).

Eis um hino magnífico que canta a confiança do cristão no amor de Deus. Em um arroubo poderoso, Paulo nos conduz dos “sofrimentos do tempo presente” em direção às alturas da “glória dos filhos de Deus”. Espera, lamentos, libertação, aspiração, nascimento... Este impulso profundo da fé conduz à única realidade duradoura: somos filhos de Deus! O que somos irá revelar-se: as premissas do Espírito encontram seu desabrochar. Estamos em transformação.

Este hino de esperança prepara nosso olhar para o mundo dos homens, mas também para a criação, que é o lar comum da humanidade.

B) Apresentação do capítulo

“Olhar para o mundo em transformação”

Discernir os sinais dos tempos é considerar as transformações do mundo como etapas de transformação na qual Deus nos chama a participar.

Deus criou o mundo, mas a criação não terminou, ela prossegue e devemos participar de sua conclusão: “Deus quis livremente criar um mundo ‘em estado de caminhada’ para sua perfeição última”. (CIC 310) Ele confiou ao homem a responsabilidade de “submeter a terra e dominá-la” (Gn 1, 26-28).

A capacidade de o homem transformar o mundo corresponde perfeitamente ao desígnio de Deus. “*A norma da atividade humana é, pois, a seguinte: segundo o plano e vontade de Deus, ser conforme com o verdadeiro bem da humanidade e tornar possível ao homem, individualmente considerado ou em sociedade, cultivar e realizar a sua vocação integral (Gaudium et Spes, 35,2)*. A ciência e a técnica são preciosos recursos para facilitar o progresso humano, mas devemos cuidar, como nos exorta São Paulo (Rm 12, 2), que o “*espírito da vaidade e da malícia não modifique a atividade humana ordenada ao serviço de Deus e do homem, em instrumento do pecado*” (Gaudium et Spes, 37).

A liberdade da qual o homem foi dotado implica para ele “*a possibilidade de escolher entre o bem e o mal*” (CIC 1730/1732). Porém, a natureza humana desde o pecado capital está enfraquecida e inclinada para o mal. O parto do Reino de Deus, como disse São Paulo, não poderia produzir-se sem sofrimentos e dificuldades. A luta espiritual contra todas as formas do mal impõe-se. Toda manifestação de decadência contém em si mesma o germe de uma realidade nova. Resignar-se, permanecer passivos significa renunciar a ser “*os colaboradores de Deus*” (1 Cor 3, 9). Todo homem, de acordo com o lugar e o papel que ele ocupa tem sua parte na promoção do bem comum.

“*Deus que te criou sem ti não te salvará sem ti*”. (Santo Agostinho)

<p style="text-align: center;">Deus oferece ao homem a honra de cooperar com todas as forças da inteligência na obra da criação.</p>

C) Textos para reflexão

Ajudar a natureza a desabrochar de acordo com a linha desejada por Deus

“**460** O homem não deve, portanto, esquecer que “a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo com o próprio trabalho ... se desenrola sempre sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus” (965). Ele não deve “dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade,

como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair” (966). Quando se comporta deste modo, “em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele” (967).

Se o homem intervém na natureza sem abusar e sem danificá-la, pode-se dizer que “intervém não para modificar a natureza, mas para ajudá-la a desenvolver-se segundo a sua essência, aquela da criação, a mesma querida por Deus. Trabalhando neste campo, evidentemente delicado, o investigador adere ao desígnio de Deus. “Aproveite a Deus que o homem fosse o rei da criação” (968). No fundo é o próprio Deus que oferece ao homem a honra de cooperar com todas as forças da inteligência na obra da criação.

472 “Nos últimos anos, se impôs com força a questão do uso das novas biotecnologias para fins ligados à agricultura, à zootecnia, à medicina e à proteção do ambiente. As novas possibilidades oferecidas pelas atuais técnicas biológicas e biogenéticas suscitam, de um lado, esperanças e entusiasmos e, de outro lado, alarme e hostilidade.

As aplicações das biotecnologias, a sua licitude do ponto de vista moral, as suas consequências para a saúde do homem, o seu impacto sobre o ambiente e sobre a economia, constituem objeto de estudo aprofundado e de vívido debate. Trata-se de questões controversas que envolvem cientistas e pesquisadores, políticos e legisladores, economistas e ambientalistas, produtores e consumidores. Os cristãos não ficam indiferentes a estas problemáticas, cômnicos da importância dos valores em jogo (1001)”.

(Extraído do Compêndio Social da Igreja)

Se um progresso técnico não corresponder a um progresso na formação ética do homem..., então não é progresso.

Que significa o progresso para o homem, qual lugar para a sua liberdade?

22 Antes de mais, devemos perguntar-nos: Que significa verdadeiramente “progresso”? Que promete ele e que não promete? No século XIX já existiu uma crítica à fé no progresso... Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na

formação ética do homem, no crescimento do homem interior (cf. Ef 3,16; 2 Cor 4,16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo.

24 a) O reto estado das coisas humanas, o bem-estar moral do mundo, não pode jamais ser garantido simplesmente mediante as estruturas, por mais válidas que estas sejam. Tais estruturas são não só importantes, mas necessárias; todavia, não podem nem devem impedir a liberdade do homem. Inclusive, as melhores estruturas só funcionam se, numa comunidade, subsistem convicções que sejam capazes de motivar os homens para uma livre adesão ao ordenamento comunitário. A liberdade necessita de uma convicção; esta não existe por si mesma, mas deve ser sempre novamente conquistada comunitariamente.

b) Visto que o homem permanece sempre livre e que a sua liberdade é também sempre frágil, não existirá jamais neste mundo o reino do bem definitivamente consolidado. Quem promettesse o mundo melhor, que duraria irrevogavelmente para sempre, faria uma promessa falsa; ignora a liberdade humana. A liberdade deve ser incessantemente conquistada para o bem. A livre adesão ao bem nunca acontece simplesmente por si mesma. Se houvesse estruturas que fixassem de modo irrevogável uma determinada – boa – condição do mundo, ficaria negada a liberdade do homem e, por este motivo, não seriam de modo algum, em definitivo, boas estruturas.

(Bento XVI, Spe salvi)

Encontrar a felicidade na fé em Deus.

Falsos olhares sobre Deus, falsos olhares sobre o mundo

... Por que então aqueles a quem o ateísmo decepciona não procuram os cristãos?

- porque os cristãos não parecem encontrar a felicidade na fé em Deus;
- porque, em todos os níveis, eles manifestam pouco zelo em falar de seu Deus. Um jornalista, não sem humor cruel, chamava ultimamente esta Igreja que não sabe mais falar de Deus: “A Igreja do silêncio”;
- porque, finalmente, a face de Deus que os cristãos deixam entrever em seus Comportamentos e, eventualmente, pelas suas palavras, não é atrativa.

É essa a falsa face de Deus a quem, sem dúvida, se referiam os redatores de *Gaudium et Spes* quando escreveram esta frase inesperada e severa: *“Pelo que os crentes podem ter tido parte não pequena na gênese do ateísmo...”*. Nós todos temos um terrível exame de consciência a fazer a partir desta pergunta: os que nos veem e nos escutam não correriam o risco de se equivocar a respeito da verdadeira face de Deus? Pais e mães quando fazem esta pergunta devem pensar especialmente nos filhos que Deus lhes confiou.

As falsas imagens de Deus

Uma das falsas imagens é particularmente intolerável aos nossos contemporâneos: o Deus vingativo da ordem transgredida, quer seja uma ordem moral, uma ordem lógica ou uma ordem social.

O Deus da ordem moral

Um Deus professor de moral que vigia, espreita, ameaça e é, além disso, susceptível, rancoroso, vingativo... Daí essa angústia insidiosa que atormenta a consciência de muitos cristãos, e entre os melhores, quando não acabam por dar as costas a esse “Deus para os justos”, a esse “Pai sádico”, como Freud o chamava de maneira atroz... O Cristo declarou: *“Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores”* (MT 9,13).

O Deus da ordem lógica, racional

O Deus dos filósofos. Um Deus cuja existência a razão demonstra, cujas perfeições descreve, um Deus pedra angular das grandes arquiteturas doutrinárias. Um Deus frio como uma ideia, decepcionante como um sistema...: O Deus da inquisição e seus sucedâneos permanecem ameaçadores.

O Deus da ordem social

Não se sabe bem se é esse Deus que se aliou com o poder, ou se foi o poder que se aliou a ele. De toda maneira existe colusão entre os dois; primeiro foi o imperador e depois o rei “muito cristão”; hoje são os governantes, os favorecidos, os ricos... Como os oprimidos, os famintos, sem trabalho, sem estima poderiam admiti-lo?

Nunca pensaram vocês que os cristãos e não cristãos, e seus próprios filhos, frequentemente pudessem imaginar que uma ou outra dessas três caricaturas representa a verdadeira face de Deus? ... É verdade que, em oposição, outros cristãos – ou os mesmos – frequentemente apresentaram, através de suas palavras e de seu

modo de agir, um “Deus bonzinho”, tranquilizador. É mais sedutora essa outra imagem de Deus? Esse Deus camarada, boa gente, avô mais que pai; esse Deus “tapa-buraco, pronto-socorro, agente de seguros”, muito contribuiu também para decepcionar os homens e favorecer o ateísmo...

O que é, sem dúvida, ainda mais chocante para a geração jovem, para o ateu, ou candidato ao ateísmo, é o rompimento, na existência de tantos “bons cristãos”, entre suas relações com Deus e suas vidas. Ouçamos suas conversas: só falam de conforto, de férias, de carros mais modernos, de casa de férias e de todos os problemas de dinheiro que isso desencadeia. Discutem o último espetáculo eventualmente licencioso, o último prêmio literário. Afinal, é preciso manter-se atualizado! Eles criticam os políticos, os parentes, os amigos, a Igreja... Onde encontrar a influência de Deus nisso tudo?

Compreendem agora por que os que estão à procura muitas vezes nem pensam em falar com os cristãos? E por que os Padres do Concílio aprovaram a pequena frase *“Pelo que os crentes podem ter tido parte não pequena na gênese do ateísmo...”*?

Henri Caffarel

Les Equipes de Notre Dame – Face à l’athéisme, END p.140
(As Equipes de Nossa Senhora – Face ao ateísmo, ENS, pp. 105-109)

D) Para refletir

- Ao longo do mês que passou, sentimos a influência de Deus em nossa vida?
- Temos consciência do nosso papel de “colaboradores de Deus” no meio em que vivemos?

E) Orando juntos

Salmo 85, 5-14

Restaura-nos, ó Deus, salvador nosso,
renuncia ao teu rancor contra nós!
Ficarás irado conosco para sempre,
prolongando de geração em geração a tua ira?

Não nos irás devolver a vida,
para que teu povo se alegre contigo?
Javé, mostra-nos o teu amor,
concede-nos a tua salvação.

Vou escutar o que diz Javé:
“Deus anuncia a paz ao seu povo e aos seus fiéis,
e aos que se convertem de oração”.

A salvação está próxima dos que o temem,
e a glória habitará em nossa terra.

Amor e fidelidade se encontram,
Justiça e paz se abraçam.

A Fidelidade brotará da terra,
e a justiça se inclinará do céu.
Javé nos dará a chuva,
e nossa terra dará o seu fruto.
A justiça caminhará à frente dele,
a salvação seguirá os seus passos.

CAPÍTULO III

CONSTRUIR A “CIVILIZAÇÃO DO AMOR”

A) A Palavra de Deus

“Deus criou o homem à Sua imagem”

“E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra” (Gn 1, 27-28).

O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante”. Então o Senhor Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. E as apresentou ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. O homem deu então nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras. Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante. Então o Senhor Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, o Senhor Deus modelou uma mulher e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” Por isso, o homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne” (Gn 2, 18-24).

No Gênesis, há dois relatos da criação.

O primeiro é decisivo: ele dá o sentido da história da humanidade do começo ao fim. O homem – “homem e mulher, Ele os criou” – é a imagem de Deus: o amor que circula em Deus, circula entre o homem e a mulher. Tudo começa com esta semelhança de amor. No fim dos tempos, este amor recebido de Deus desabrochará; veremos Deus, “seremos semelhantes a Ele” (1Jo 3, 2). A finalidade do mundo é o amor.

O segundo relato é mais existencial, porém supõe o primeiro. Ele é centrado na solidão do homem. Deus apresenta-lhe os animais dos campos, os pássaros do céu,

aos quais o homem dá um nome e deles toma posse. Mas não é suficiente. Depois apresenta-lhe a mulher. O amor, à semelhança de Deus, existe, mas deve também ser construído: eles não se conhecem e têm tudo a descobrir um do outro; diferentes e complementares, eles são feitos um para o outro; finalmente eles constataam o essencial: “eles serão apenas um”. Magnífico caminho do amor a ser construído.

B) Apresentação do capítulo

Construir a “civilização do amor”

Discernir os sinais dos tempos, perante a fascinação exercida pelas falsas apresentações do amor, é testemunhar a beleza do amor humano segundo o desígnio de Deus.

A primeira manifestação do amor é a descoberta de uma felicidade não suspeitada até então. Sim, a felicidade surge do amor, pois o homem, no desígnio de Deus, é feito para encontrar a felicidade. A incompletude da qual Deus quis levar-nos (Gn 2,18) *“Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei um auxílio”*, foi-nos então revelada. Deus, que criou o homem por amor, chamou-o também para o amor, aspiração fundamental e inata de todo ser humano. *“A vocação para o casamento está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do criador”* (CIC 1603). No casamento, como em todo sacramento, o Cristo parte de uma realidade humana para fazê-la uma realidade santa. O homem e a mulher tornam-se a imagem de sua união com a Igreja.

C) Textos para reflexão

Servir: o dom de si mesmo

Ter filhos e educá-los para Deus não era a única finalidade do nosso casamento. Devíamos também, um pelo outro, nos santificar. E, por nosso mútuo amor, dar testemunho do Amor infinito. Devíamos ainda promover o amor de Deus, onde quer que vivêssemos. Nos comprometemos a isso ao receber o sacramento do matrimônio. E, alegres, tratamos de corresponder ao que Deus esperava de nós. Qual será de agora em diante a missão de nosso lar? Antes de mais nada, uma missão de prece. Se um dos dois já está para sempre fixado no louvor e na adoração; e se ele canta sem cessar a glória de Deus, a viúva é também levada a orar mais intensamente e a glorificar a Deus em sua vida diária.

Um lar cristão deve revelar o amor de Deus. Que um amor humano seja tão forte a ponto de ultrapassar a vida presente. Aí está o que surpreende e o que a viúva deve testemunhar. E que aqueles que admirados se perguntarem qual a força que a sustenta, na sua maneira de viver na solidão, sejam levados a pressentir através dela as realidades invisíveis.

Contudo, nossa missão não se limita a esses testemunhos. Vai mais longe. Acreditamos que nossos lares, atravessados pela cruz, podem auxiliar outros lares. O sacrifício consentido e oferecido de nosso amor pode obter que, de um outro lugar, o amor seja melhor vivido e as vidas mais bem acolhidas. Acreditamos que Deus conte conosco para que subam para Ele tantos outros lares, conhecidos ou desconhecidos.

Nossa missão, bem a vemos, é antes de tudo espiritual. Discreta, silenciosa, não exigindo nenhum gesto exterior, ela é proposta a cada uma de nós que a deseje assumir.

Essa missão faz parte do estado de viuvez, na medida em que ele é aceito. O Senhor também nos pede para auxiliarmos nossos irmãos. Ele espera de nós esse amor fraternal que prescreveu a seus discípulos, evitando assim a tendência de nos voltarmos para nós mesmas. *“Ir ao encontro dos outros, amá-los melhor, compreendê-los mais, compadecer-nos mais profundamente de toda miséria humana é ao que nos deve conduzir nossa provação. E é a alegria que vamos encontrar nesse dom de nós mesmas”*.

Ir ao encontro de quem? É evidente que primeiro aos nossos filhos e à nossa família. Em seguida, às viúvas, nossas irmãs no sofrimento. Há tantas que desanimam e caem por não encontrarem um coração verdadeiramente fraternal. Outro, bem perto de nós, também nos esperam: lares infelizes, mulheres ou crianças abandonadas, celibatários por demais isolados, enfermos, velhos... Todos aqueles que a vida magoou de um modo ou de outro. Eles têm necessidade de que nosso coração os ouça, que nosso sorriso os reconforte. Esperam-nos tanto mais quanto mais reconhecem que estamos aptas a compreendê-los. E os seus apelos são prementes.

Compreenderemos melhor nossa missão se contemplarmos Nossa Senhora. Ela volta do calvário, tudo deu de si e trouxe apenas em sua alma o peso do mundo inteiro. Ela ainda viveu longos anos depois da partida de seu Filho: não lhe havia Ele confiado a Igreja nascente? Quem poderia ter adivinhado a profundidade e a extensão da missão tão bem escondida nessa mulher pobre e silenciosa? Teriam os próprios discípulos compreendido até que ponto ela se tornara sua mãe? A mãe desses batizados, cujo número “crescia dia a dia”. A mãe de todos nós.

Família, lugar de perdão

Não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita, nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Por isso não há casamento saudável, nem família saudável, sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família se torna uma arena de conflitos e reduto de mágoas. Sem perdão a família adocece. O perdão é a assepsia da alma, a faxina da mente e a alforria do coração. Quem não perdoa não tem paz na alma e nem comunhão com Deus. A mágoa é um veneno que intoxica e mata. Guardar a mágoa no coração é um gesto autodestrutivo. É autofagia. Quem não perdoa adocece física, emocional e espiritualmente. E é por isso que a família precisa ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria, onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença.

Papa Francisco

Igreja doméstica

Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e Maria. A Igreja não é outra coisa senão a “família de Deus”. Desde suas origens, o núcleo da Igreja era em geral constituído por aqueles que “com toda a sua casa” se tornavam cristãos. Quando eles se convertiam, desejavam também que “toda a sua casa” fosse salva. Essas famílias que tornavam cristãs eram redutos de vida cristã num mundo incrédulo.

Em nossos dias, num mundo que se tornou estranho e até hostil à fé, as famílias cristãs são de importância primordial, como lares de fé viva e irradiante. Por isso, o Concílio Vaticano II chama a família, usando uma antiga expressão, de “Ecclesia doméstica”. É no seio da família que os pais são “para os filhos, pela palavra e pelo exemplo... os primeiros mestres da fé. E favorecem a vocação própria a cada qual, especialmente a vocação sagrada.

...

Não podemos esquecer, também, de que certas pessoas, por causa das condições concretas em que precisam viver - muitas vezes contra a sua vontade – estão particularmente próximas do coração de Jesus e que merecem uma atenciosa afeição e solicitude da Igreja e principalmente dos pastores: **o grande número de pessoas celibatárias** (e aqui acrescentamos: os divorciados, separados, desquitados – que não se casaram novamente). Muitas dessas pessoas ficam sem família humana, muitas vezes por causa das condições de pobreza. Há entre elas algumas que vivem

essa situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. A todas elas é preciso abrir as portas dos lares, “Igrejas domésticas”, e da grande família que é a Igreja. “Ninguém está privado da família neste mundo: a Igreja é a casa e família para todos, especialmente para quantos estão cansados e oprimidos.”

(Catecismo da Igreja Católica VI – A Igreja doméstica – 1655, 1656, 1658)

D) Para refletir juntos

Move-nos o desejo de ser “construtores da ‘civilização do Amor’”?

Que sinais de afeto nos direcionam para nossos familiares, nossos amigos e para a grande família que é a Igreja?

E) Orando juntos

Salmo 126

Quando Javé mudou a sorte do Sião,
parecíamos sonhar:

Nossa boca se encheu de riso,
e a nossa língua de canções.

Até entre as nações se comentava:
“Javé foi grande com eles!”

Sim, Javé foi grande conosco,
e por isso estamos alegres,
Que Javé mude a nossa sorte,
como as torrentes do Negueb.

Os que semeiam com lágrimas,
ceifam em meio a canções.
Vão andando e chorando ao levar a semente
ao regressar, voltam cantando,
trazendo seus feixes.

CAPÍTULO IV

O RESPEITO DA PESSOA HUMANA

A) A Palavra de Deus

“Coragem, levanta-te, ele te chama...”

“Chegaram a Jericó. Jesus saiu de Jericó junto com seus discípulos e uma grande multidão. Na beira do caminho havia um cego que se chamava Bartimeu, o filho de Timeu; estava sentado, pedindo esmolas. Quando ouviu dizer que era Jesus Nazareno que estava passando, o cego começou a gritar: ‘Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!’ Muitos o repreenderam e mandaram que ficasse quieto, mas ele gritava mais ainda: ‘Filho de Davi, tem piedade de mim!’ Então Jesus parou e disse: ‘Chamem o cego’. Eles chamaram o cego e disseram: ‘Coragem, levante-se, porque Jesus está chamando você.’ O cego largou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus perguntou-lhe: ‘Que você quer que eu faça por você?’ O cego respondeu: ‘Mestre, eu quero ver de novo.’ Jesus disse: ‘Pode ir, a sua fé curou você’. No mesmo instante o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho” (Mc 10, 46-52).

Bartimeu é célebre. Tem forte personalidade. Cego, mendigo, ele é curado por Jesus, que constata a sua fé. Em primeiro lugar – primeiro ato de fé – ele ouve Jesus passando. Logo grita por ele. Ele está seguro sobre Jesus. Segundo ato de fé: ele grita ainda mais, apesar de muitos o repreenderem para que se calasse; a adversidade não o detém. Sua fé supera todas as provas. Terceiro ato de fé: Jesus chama-o por meio das pessoas que anteriormente o repreendiam. Imediatamente ele levantou-se e foi em direção a Jesus, lançando a sua capa, pois ela já não teria utilidade. Quarto ato de fé: ele pede liberdade a Jesus. “Que queres que te faça?” Ele pede a vista. Diálogo estranho? Não, muitos de nós nem sabemos qual é nossa doença. Último ato de fé: ele segue Jesus pelo caminho, ele se torna discípulo de Cristo.

Jesus cura Bartimeu, mostrando bem claramente toda a sua fé. Esse homem tornou-se o símbolo de nosso itinerário. Respeito de Jesus por cada um. Respeito do cristão pelos caminhos tão variados dos homens: é preciso iluminar a busca da verdade, que traça uma via neste mundo.

B) Apresentação do capítulo

“O respeito da pessoa humana”

Discernir os sinais dos tempos significa observar e analisar os riscos de desumanização de nossas sociedades, para melhor combatê-los à luz do Evangelho.

Em inúmeras sociedades antigas, a pessoa humana sistematicamente não era respeitada como tal. O cidadão era reconhecido, não, porém, o homem (a alforria do escravo orientava-se para esse reconhecimento...). O cristianismo realizou uma mudança nesse modo de ver. “Todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre...” (Gl 3, 27-28). Deus enviou seu filho entre nós, a fim de nos ensinar pela sua palavra e exemplo de sua vida o respeito à vida humana.

Basear sua vida sobre este amor absoluto de outrem, criado à imagem de Deus, sempre foi uma luta para o homem. Avanços e recuos são inerentes à sua natureza imperfeita.

É aqui que o discernimento individual, assistido pelo Espírito, esclarecido pelas Escrituras e os ensinamentos da Igreja, tem todo sentido. Esse trabalho de discernimento produz-se na consciência de cada um, “santuário” de toda decisão moral.

Hoje ainda, o homem, confrontado com a complexidade crescente das evoluções, não somente biológica, mas também econômica e política no mundo, é levado a cuidar que o progresso que acompanha a marcha de toda sociedade possa conciliar-se com o respeito da pessoa humana. A dádiva da vida que Deus confiou ao homem impõe ao mesmo tempo uma tomada de consciência de seu valor inestimável, assumindo-a com responsabilidade. Não podemos ceder ao sentimento de impotência, mas, como nos convida o Papa Francisco: “Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança...”.

**Participar desta luta permanente
por respeito à pessoa humana.**

C) Textos para reflexão

Impedir nossa humanidade de se tornar desumana

Ouvimos a advertência de Jesus para “interpretar os sinais dos tempos” (cf. Lc 12, 54-56), isto é, fazer um esforço de inteligência e razão para compreender os tempos atuais, ao invés de suportá-los; e, ao compreendê-los, medir nossas responsabilidades se acreditarmos que a palavra de Deus deve ser gravada na carne de nossa humanidade para impedi-la de se tornar desumana... Em todos os tempos e, portanto, também nesses tempos incertos da segunda década do século XXI, somos chamados a um trabalho de discernimento inteligente.

Sem dúvida podemos diagnosticar uma crise de racionalidade instrumental e calculista, aquela que brinca com os números e quantidades, tendo, às vezes, tendência a tratar a pessoa humana de acordo com as mesmas lógicas implacáveis – e, portanto, legítimas dentro de sua ordem – do lucro e da concorrência.

**Tudo na terra deve ser ordenado ao homem
como ao seu centro e ao seu topo.**

O respeito da dignidade humana: objetivo de toda sociedade cristã

Na realidade, o homem vale por aquilo que é e não apenas por aquilo que tem ou por aquilo que faz. O homem merece amor e respeito porque vive, não porque possui. A sua dignidade está ligada justamente ao fato de ser pessoa. Por conseguinte, enquanto viver cada homem conservará sempre a sua honorabilidade; mesmo que seja pobre ou doente, mesmo que erre ou seja delinquente. A pessoa humana nunca perde a sua grandeza natural, e ninguém lha pode tirar. O homem permanece sempre o princípio e o fim da sociedade civil. Esta é a razão pela qual – como observa o Concílio Vaticano II – pelo menos em princípio, “tudo quanto existe sobre a terra deve ser

ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não crentes”...

De fato, a sociedade é uma comunidade de pessoas em relação umas com as outras, não é um rebanho de indivíduos anônimos ao lado uns dos outros, em que cada um pensa unicamente em si: não há liberdade pessoal sem responsabilidade social. O bem comum não é a soma total dos bens individuais, mas é o bem de todos e de cada um. “A natureza social do homem – observa o Concílio – torna claro que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Com efeito, a pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais. Não sendo, portanto, a vida social algo de adventício ao homem, este cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de responder à própria vocação, graças ao contato com os demais, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos”.

Ofensa à dignidade da pessoa humana: ofensa feita a Deus

É devido à criação que a adoração e adesão a Deus vinculam-se ao respeito do homem, “imagem de Deus”, que Ele estabeleceu como seu parceiro, corresponsável com ele pela sua própria vida, pela vida dos outros e pelas realidades cósmicas e ambientais. O respeito pela liberdade de consciência de todo homem, que admite em primeiro lugar o respeito pela liberdade religiosa e ao mesmo tempo a recusa de qualquer violência, é intrínseca a esta concepção. Parece-me, por conseguinte, que a natureza mesma do fato religioso em geral e do fato cristão e católico em particular, levanta três exigências fundamentais e preliminares para um relacionamento correto entre a fé e a lei.

Em primeiro lugar, a exigência antropológica, isto é, a exigência de uma concepção do homem que reclama o respeito pela dignidade de toda pessoa humana. De um lado, a ofensa feita à dignidade do homem, mesmo motivada por um senso religioso mal interpretado, é uma ofensa feita a Deus; e, de outro lado, a honra prestada a Deus deve concretizar-se no respeito ao homem, criado à Sua imagem e semelhança. Naturalmente o respeito ao homem ao deve ser interpretado em um sentido redutor, isto é, apenas como respeito à sua consciência, mas, sim, e acima de tudo, como respeito pela sua vida desde o primeiro instante de sua existência, como fundamento de todos os outros bens humanos.

A segunda exigência é de ordem epistemológica: a fé não deve opor-se à pesquisa científica e racional, mas deve indicar o próprio sentido desta pesquisa, dentro das finalidades do homem e do respeito à sua dignidade. Analogamente, a ciência deve respeitar o papel da fé e a realização dos valores humanos, inerentes à dignidade transcendente do homem: ignorar os próprios valores da dimensão espiritual e moral da pessoa seria contrário à harmonia do saber, constituindo uma manifestação de integralismo e intolerância ao invés de laicidade. A verdadeira laicidade, de fato, respeita e considera a pluralidade e a harmonia dos saberes e dos valores.

A terceira exigência é o princípio de aceitação do sistema democrático. Para todo ser humano, o direito à liberdade-responsabilidade deve ser garantido dentro de um clima de diálogo e de convicção, e a possibilidade de desacordo deve ser assegurada quando se trata de valores morais fundamentais. É necessário mencionar aqui que, para o Estado, é exatamente o sistema democrático como tal que exige o dever de defender a vida de qualquer homem e de criar condições para o desenvolvimento de qualquer pessoa dentro da justiça e da solidariedade.

Elio Sgreccia

Membro do Conselho Pontifical da Família - Lexique

D) Para refletir em conjunto

Sentimos nossa responsabilidade como cristãos engajados diante dos ataques à dignidade humana? De que maneira pensamos em reagir de forma sensata?

E) Orando juntos

Salmo 139, 11-16

Se eu digo: “Ao menos as trevas me cubram,
e a luz se transforme em noite ao meu redor”,
mesmo as trevas não são trevas para ti,
e a noite é clara como o dia.

Sim! Pois tu formaste meus rins,
tu me teceste no seio materno.

Eu te agradeço por tão grande prodígio,
e me maravilho com as tuas maravilhas!
Conhecias até o fundo de minha alma,
e meus ossos não te eram escondidos.

Quando eu era formado, em segredo,
tecido na terra mais profunda,
teus olhos viam as minhas ações,
e eram todas escritas no teu livro.
Os meus dias já estavam calculados,
antes mesmo que chegasse o primeiro.

CAPÍTULO V

O POBRE, AMADO POR DEUS

A) A Palavra de Deus

“Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!”

“Uma pessoa importante perguntou a Jesus: “Bom Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” Jesus respondeu: “Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. Você conhece os mandamentos: não cometa adultério; não mate; não roube; não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe”.

O homem disse: “Desde jovem tenho observado todas essas coisas.” Ouvindo isso, Jesus disse: “Falta ainda uma coisa para você fazer: venda tudo o que você possui, distribua o dinheiro aos pobres e terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me”. Quando ouviu isso, o homem ficou triste, porque era muito rico.

Vendo isso, Jesus disse: “Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus! De fato, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. Os que ouviram isso disseram: “Então, quem pode ser salvo?” Jesus disse: “As coisas impossíveis para os homens são possíveis para Deus” (Lc 18, 18-27).

Uma tragédia e um apelo à esperança

Tragédia. Tudo começa bem. A uma questão fundamental, “ter um tesouro como vida eterna”, Jesus responde ao apelo universal à santidade: observar os mandamentos é o caminho real para viver em Deus. A insistência do chefe (no texto de Marcos é um jovem rapaz) é tocante. Ele tudo observou durante a sua juventude, mas quer algo mais. De fato, poderia se tornar um discípulo admirável de Jesus e pelas suas qualidades trazer muitas pessoas até o Senhor. Após oferecer a este homem a vocação comum (observar os mandamentos), Jesus o convida a uma vocação especial: a pobreza para segui-lo. Tragédia: sua riqueza o detém. Sua riqueza da terra o toca de muito perto. O tesouro do céu o toca de muito longe.

Cada um pode reler sua vida... ou se lembrar daqueles que se afastam de Deus. O ideal é demasiado elevado? “Quem pode ser salvo?” Aqui vem o apelo à esperança. Jesus responde aos seus discípulos que tudo deixaram e se entristecem com Ele ao ver o homem que vai embora. “O que é impossível aos homens é possível a Deus.” Palavra fulgurante! Não nos encontramos perante um ideal que não pode ser atingido, mas perante um apelo de Deus que nos dará tudo para que possamos segui-lo até o fim.

**Que perguntem o que eles têm para dar
ao invés de assisti-los**

B) Apresentação do capítulo

“O pobre amado por Deus”

Discernir os sinais dos tempos significa reconhecer o pobre como verdadeiro ator da sociedade.

O modo de olhar a pobreza evoluiu ao longo dos séculos. No fim da Idade Média, a aparição do dinheiro como instrumento de medida de riqueza conduz à discriminação do pobre na sociedade. Progressivamente, os pobres são percebidos como pessoas que perturbam. A sociedade do século XIX relega-os à categoria de “assistidos”. Aquele que dá é superior ao que recebe, e a caridade expressa-se essencialmente pela dominação do rico sobre o pobre. Santo Agostinho tinha já revelado de maneira irreverente nossos profundos motivos: *“prestando serviço a um pobre, talvez desejaste te elevar perante ele, e queres que ele seja a ti reconhecido, ele que é a origem do teu favor. Ele estava necessitado, tu deste uma parte de teu bem: porque tu deste, tu pareces superior àquele a quem tu deste”*.

Contudo, neste contexto, não se podem esquecer os inúmeros cristãos que procuraram testemunhar a caridade de Deus: São Vicente de Paulo, São João Batista de la Sale, São Carlos Borromeu, Santo Antônio de Pádua, São Martinho de Porres, os abrigos e hospitais para os pobres, as inúmeras congregações religiosas...

O crescimento da recente crise econômica internacional oferece ao tema da pobreza uma nova acuidade, enquanto a sociedade da informática dá-lhe uma

visibilidade muito maior. Os movimentos sociais transnacionais, os blogs, os indignados, denunciando o caráter insustentável das injustiças sociais, participam grandemente desta visibilidade e fazem emergir um novo cuidado em relação ao pobre. A preocupação de procurar ver a pessoa além da aparência, de trabalhar com os pobres e não pelos pobres, de reconhecê-los como verdadeiros atores da sociedade aparece hoje como um dado que não se pode evitar para recriar a estrutura social. Como disse Jean-Marie Ploux, padre das missões estrangeiras: “a revelação cristã não se faz por cima, porém por baixo; não pelo poder, mas pela fraqueza partilhada; não pela dominação, mas pelo serviço”.

C) Textos para reflexão

Ver, julgar e agir no mundo em função do vulnerável...

“Ele derruba os poderosos de seus tronos, ele eleva os humildes”...

Quem pode dizer algo tão revolucionário? A doce Virgem Maria em seu canto de ação de graça no Evangelho de Lucas (Lc 1, 52). Entre o que se poderia chamar de inversão de valores e a atitude de Jesus, indo ao encontro dos que estavam no nível mais baixo, a relação é evidente. No modo de agir de Jesus nada havia que pudesse chocar os judeus de seu tempo, a não ser que poderia ser levado a transgredir as barreiras do puro e impuro, nas quais repousava a identidade de Israel e sua resistência às influências estrangeiras: as da cultura grega bem como as da dominação romana. Isso lhes valeria a inimizade dos mestres do templo e a morte.

...Assim, a revelação cristã de Deus não se faz por cima, porém por baixo; não pelo poder, mas pela fraqueza partilhada; não pela dominação, mas pelo serviço. São Paulo, após sua conversão, tira as consequências: “Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante” (1 Cor 1, 27-28).

Enuncia-se aqui, sem dúvida, o mais fundamental critério da ação cristã: ver, julgar e agir no mundo em função do insignificante, do vulnerável e do frágil na sociedade, começando por aquilo que o Papa Francisco chama de periferias da existência e não, como sempre se faz, a partir do alto, dos centros de decisão e do poder... É um imperativo evangélico categórico.

João Paulo II... queria ser a voz dos sem voz, “voz daqueles que não podem falar ou daqueles que são reduzidos ao silêncio”. Mas isto é verdade de todo cristão solidário com os irmãos mais vulneráveis do planeta. Todavia, antes de ser a voz dos sem voz, seria preciso fazer que todos pudessem falar e dizer por si próprios o que têm a dizer. Isto é, desde sua fundação, o comportamento das comunidades de Emaús e da ADT Quart-Monde... Que os pobres e os rejeitados pudessem dizer... E ser ouvidos. Que se pergunte o que eles têm a dar, ao invés de ajudá-los.

Jean-Marie Ploux

Agir et résister em chrétiens Ed del’Atelier 2013 – pp. 93-95

Uma atenção amorosa oferecida ao pobre...

199. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas, primariamente, uma atenção prestada ao outro, “considerando-o como um só consigo mesmo” (166). Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem. Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, como o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência. “Do amor, pelo qual uma pessoa é agradável a outra, depende que lhe dê algo de graça” (167). Quando amado, o pobre “é estimado como de alto valor” (168), e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isso tornará possível que “os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em casa”. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?” (169). Sem a opção preferencial pelos pobres, “o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta” (170).

200 Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem

necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária.

Papa Francisco
Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho”

A piedade verdadeira começa com a lucidez.

Fazer “com os pobres” e não “para os pobres”

Antes do século XIX, raras eram as pessoas a admitir que a pobreza pudesse ter outras causas além das individuais... Deve-se também mencionar uma crítica da piedade, que denuncia uma atitude condescendente que tira do ajudado sua autonomia e dignidade...

A verdadeira piedade começa com a lucidez, que de modo especial reconhece o círculo vicioso da miséria... Na miséria ninguém pode ser “um bom pobre”. A verdadeira piedade exige que se ajudem os miseráveis, acompanhando-os tais como são, sustentando-os com uma esperança na qual tenham parte ativa. Uma fórmula poderia caracterizar essa piedade: não “fazer para”, mas “fazer com”...

**A pior discriminação sofrida pelos pobres
é a falta de atenção espiritual.**

Como se disse, os que vivem na miséria são incapazes de se fazer ouvir. Precisam então de intérpretes e de defensores... Vamos lembrar aqui a figura de Jó: esse pobre que tudo perdeu, e cujos amigos querem persuadi-lo que ele é o único responsável por sua infelicidade. Eis o grito de Jó: “*Oxalá escrevessem estas minhas palavras e as gravassem numa placa, e com cinzel de ferro e estilete fossem escritas para sempre na rocha*” (Jó 19, 23-24). De fato, quando virá aquele que irá defender sua

causa? Ora, aquele que defende Jó, implicando Deus nesta defesa, é justamente o autor do livro de Jó... Assim, devido a essa resposta, esse grito, que é o grito de todo homem na miséria, não foi esquecido nem jamais o poderá ser.

Da mesma forma, todos os que estão na miséria precisam de alguém para ouvir seus gritos..., levar sua causa à consciência de todos, defendendo-a em debate público. Se Jesus disse que sempre haverá pobres entre nós (Mt 26, 11), não era para nos encorajar a abaixar os braços, mas para nos lembrar que a tarefa é sempre a de recomeçar a ajudar os pobres a sair das margens para onde a sociedade quer empurrá-los. Mas para isso devemos despertar nossas consciências, fazer progredir o sentimento de urgência e fortalecer a determinação coletiva.

O grito que vem das situações de angústia questiona-nos, desafia-nos a transformar a piedade em imaginação do possível.

Bernard Rordorf – Professor Honorário Faculdade de Teologia de Genebra
2 mars 2012 (Jornada sobre a mendicidade
Mendicidade, desculpa ou piedade)

D) Para refletir em conjunto

O Papa Francisco clama por uma “Igreja pobre para os pobres”.

... Fazer “com os pobres” ao invés de “para os pobres”. O que significa isso?

E) Orando juntos

Salmo 131

Senhor, meu coração não é ambicioso,
nem meus olhos altaneiros.
Não ando atrás de grandezas,
nem de maravilhas que me ultrapassam.

Não! Eu fiz calar e repousar meus desejos,
como criança desmamada no colo de sua mãe.
Israel, coloque a esperança no Senhor,
desde agora e para sempre!

CAPÍTULO VI

ESTAR PRESENTE PARA O OUTRO

A) A Palavra de Deus

“Recebe-o como a mim mesmo”

“Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filêmon, nosso amigo e colaborador... Tenho toda a liberdade em Cristo para ordenar o que deves fazer, mas prefiro pedir por amor. Quem faz este pedido sou eu, o velho Paulo, agora também prisioneiro de Jesus Cristo. Peço-te em favor de Onésimo, o filho que eu gerei na prisão. Antes ele era inútil para ti, mas agora ele é útil, tanto para ti como para mim. Eu o mando de volta para ti; ele é como se fosse meu próprio coração. Gostaria que ele tivesse ficado comigo para me servir, substituindo-te enquanto estou preso por causa do Evangelho. Eu, porém, não quis fazer nada sem que desses o teu consentimento. Não quero que a tua bondade seja forçada, mas espontânea. Talvez Onésimo tenha sido afastado de ti por algum tempo para que o tenhas de volta para sempre. Agora o terás, não mais como escravo, mas muito mais do que escravo: tu o terás como irmão querido; ele é querido para mim e o será muito mais para ti, seja como homem, seja como cristão. Assim, se me consideras como irmão na fé, recebe Onésimo como se fosse eu mesmo. Se ele te deu algum prejuízo ou deve alguma coisa, põe isso na minha conta.

Eu, Paulo, escrevo com minha própria mão: eu pagarei... É claro que não preciso fazer-te lembrar que também tu me deves a tua própria vida. Sim, irmão, deixa que eu abuse de tua bondade no Senhor. Conforta, em Cristo, meu coração” (Carta de Paulo a Filêmon, 1-20),

Paulo convida Filêmon a olhar Onésimo não mais como um escravo que fugiu, mas como um irmão bem amado no Senhor. “No Senhor”: esta realidade modifica todos os relacionamentos humanos.

Paulo, como o Novo Testamento, nada diz a respeito da escravidão como instituição social. É um fato. Não é colocar em causa as instituições o que importa a Paulo, mas reformá-las por “cima”, pelo amor que vem de Cristo. O Filho de Deus, pela

sua encarnação, sua morte e sua ressurreição faz de todos nós filhos de um mesmo Pai, irmãos. Esta igualdade modifica tudo: “Não existe mais judeu, grego...” (Gl 3, 24).

As conseqüências são importantes. Na mesa eucarística todos são admitidos ao mesmo alimento, o Corpo e o Sangue do Cristo. Na história da humanidade, a igualdade na prática religiosa começou com a ceia do Senhor. É um dos maiores milagres da religião cristã. A abolição da escravidão (que ainda existe em tantos países!) encontra sua origem no Cristo. Poder da fé no Senhor agindo ao longo da história!

B) Apresentação do capítulo

“Estar presente para o outro”

Discernir os sinais dos tempos significa fazer bom uso dos meios modernos de comunicação para nos tornar, além de toda fronteira, próximos de nossos irmãos, fazendo nascer uma autêntica cultura do encontro.

Deus fez-se homem em Jesus para nos ajudar a encontrá-lo em nossos irmãos. Devemos, pois, observar a maneira como Jesus age com os homens para melhor compreender e aplicar o mandamento do Senhor, tão frequentemente comentado pelo Padre Caffarel: *“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”*. Jesus Cristo olha o outro como imagem de Deus, qualquer que seja sua condição ou caminhada, mesmo com o risco de provocar a oposição dos escribas e fariseus. Neste assunto, ele deixa claro: *“Pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa vocês terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? E se vocês cumprimentam somente seus irmãos, o que é que vocês fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu”* (Mt 5, 46-48). Enfim, na parábola do bom Samaritano, *“Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como meu semelhante, mas de minha capacidade de me fazer semelhante ao outro”*.

Papa Francisco
Mensagem para 48ª Jornada Mundial
das Comunicações Social, 24-1-2014

Hoje, a globalização, as redes sociais, o desenvolvimento da comunicação em geral têm permitido um melhor conhecimento dos homens a nossa volta; no entanto,

torna-se paradoxal constatar que, apesar deste excesso de meios de comunicação, nosso olhar para o outros permanece ainda muito superficial, um olhar falso que não conduz a um verdadeiro encontro. Contentamo-nos frequentemente com ver, sem realmente ser “*tocados no coração*”, como aconteceu com o Samaritano diante do homem ferido, uma emoção que é a primeira etapa para que a visão sensorial se torne uma atitude do coração, levando-nos a agir. Vamos aproveitar os progressos técnicos para “*mudar nossos corações de pedra em corações de carne*” (Ez 36, 26).

C) Textos para reflexão

Comunicar para se abrir a outrem

Quando a comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas, encontramos-nos perante uma agressão violenta como a que sofreu o homem espancado pelos assaltantes e abandonado na estrada, como lemos na parábola. Naquele homem, o levita e o sacerdote não veem seu próximo, mas um estranho de quem era melhor manter a distância.

Naquele tempo, eram condicionados pelas regras da pureza ritual. Hoje, corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até o ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas “estradas” digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais.

Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira. E, quando falo da estrada, penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efetivamente e afetivamente, alcançar.

Entre essas estradas estão também as estradas da internet, cheias de humanidade, tantas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede pode a mensagem cristã viajar “até aos confins do mundo” (At 1, 8). Abrir as portas das Igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do tempo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto duma Igreja assim?

Mensagem do Papa Francisco
para 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais

**Escutar é igualar-se,
para que o outro possa expressar-se.**

Saber ouvir o próximo...

“Ouvir, ouvir sem julgar”. É muito mais difícil do que se imagina. Ouvir não é somente uma atitude a tomar quando alguém “fala comigo”; é uma atitude muito mais fundamental, permanente. Pois o ser humano é palavra, e não somente pelo que diz; ele é comunicação e relação. Ouvir é possibilitar que o outro possa expressar-se.

Não sei o que ele tem a dizer; eis um princípio fundamental. No entanto, corro sempre o risco de imaginar que posso saber o que está no coração do outro. Acho que posso colocá-lo em “uma casa” de meu tabuleiro mental: ele é isto ou aquilo. Posso, sem dúvida, manifestar-lhe depois bondade ou compreensão; geralmente, porém, ele é antes fichado, classificado... ‘compreendido’! Aqui se trata de uma acolhida mais profunda: preciso ouvir primeiro o que o outro tem a dizer. O que significa dizer que na sua frente serei pobre e despojado, de uma pobreza essencial, sem armas.

**O encontro verdadeiro é purificador,
ele nos faz descobrir a nossa impotência**

Da exclusão ao encontro

Um encontro não é um exercício de poder. Não é tampouco uma demonstração de generosidade, quando procuramos fazer o bem a outrem. O encontro requer uma real humildade e profunda pobreza. Estar presente diante do outro, ouvi-lo e olhá-lo com respeito e atenção, permite-nos ter uma resposta. O encontro é comunhão de corações – uma dádiva recíproca gratuita. Ao longo de minha vida, percebi que várias pessoas, em grande dificuldade, na realidade estavam em busca de tais encontros. Um dia, uma assistente da comunidade de l'Arche ... chegou em tempo para receber em seus braços, quando ele estava quase morrendo de overdose, um jovem conhecido seu e que pertencia ao meio da prostituição. Ele ainda teve tempo de dizer: “Você nunca me aceitou como eu sou. Sempre quis modificar-me!” Essa assistente nunca havia realmente “encontrado” esse homem. Como poderia tornar-se amiga de alguém envolvido com droga e prostituição? Como reconhecê-lo como pessoa profundamente ferida? Como revelar a esse homem a beleza de sua pessoa escondida atrás de sua pobreza humana e de sua dependência?

Uma história similar é a de um pai de família que me telefonou um dia para pedir socorro. Ele não sabia mais o que fazer: seu filho, com quarenta anos de idade, era alcoólatra. Sua esposa deixou-o e ele várias vezes estivera internado para desintoxicação, mas sempre que voltava para casa recomeçava a beber. Eis o que respondi: ele poderia começar, na família, a não falar do filho como um problema, mas como de um homem que chora... O encontro “verdadeiro” é purificador, ele nos faz descobrir nossa impotência. Para vivê-lo devemos ser capazes de reconhecer nossas próprias fraquezas e nossa necessidade de ser ajudados. Esses dois exemplos revelam as dificuldades em encontrar, na beleza de sua pessoa, os que estão no fundo do poço.

A história pessoal de cada um é frequentemente muito complexa, marcada às vezes com sofrimentos vividos no seio da família. Através de cada encontro verdadeiro, ficamos expostos às nossas próprias fraquezas. Se, em uma relação de beneficência, mantemos o poder, em um encontro verdadeiro perdemos todo o poder e todo saber preconcebido. Isso pede muita humildade, isso pede também um crescimento em direção a um amor impregnado de sabedoria.

Nem sempre sabemos gerenciar nossas emoções, nossos impulsos agressivos ou afetivos, nem nossos medos. Ora, cada um de nós tem medos, cada um de nós com frequência ignora o que se deve dizer ou fazer. Começamos então a ter necessidade dos outros: de uma comunidade, de profissionais, do Espírito Santo, etc.,

capazes de oferecer as palavras que tranquilizam e curam. O encontro empobrece-nos e faz-nos entrar em nossa própria pobreza. Esse caminho abre perspectivas extraordinárias; o encontro com o pobre, o humilhado e o rejeitado pode transformar-nos e fazer-nos descobrir o sentido profundo de nossa vida.

Jean Vanier
Fundador de l'Arche (Organização Internacional)
Les signes des temps à la lumière de Vatican II

D) Para refletir em conjunto

Na Igreja, o Papa e os Bispos nos convidam a acolher pessoas homossexuais e os feridos pela vida. Qual é a nossa atitude pessoal?

E) Orando juntos

Salmo 107, 23-32

Desciam de navio pelo mar,
comerciando na imensidão das águas.
Eles viram as obras do Senhor,
suas maravilhas em alto-mar.

Ele falou, levantando um vento impetuoso,
que elevou as ondas do mar.
Eles subiam até o céu e baixavam até o abismo,
a vida deles se agitava na desgraça.

Rodavam, balançando como bêbados,
e de nada adiantou a perícia deles.
Na sua aflição, clamaram ao Senhor,
e ele os libertou de suas angústias.

Ele transformou a tempestade em leve brisa
e as ondas emudeceram.

Ficaram alegres com a bonança,
e ele os guiou ao porto desejado.

Que eles agradeçam ao Senhor o seu amor,
as maravilhas que faz pelos homens.
Que o exaltem na assembleia do povo,
e o louvem no conselho dos anciãos!

CAPÍTULO VII

SER DISCÍPULO DE CRISTO HOJE

A) A Palavra de Deus

“O Espírito de vosso Pai falará por vós”

“Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. Portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Tende cuidado com os homens, porque ele vos entregarão aos tribunais e açoitar-vos-ão nas suas sinagogas. Sereis levados diante de governadores e reis, por minha causa, a fim de serdes testemunhas para eles e para as nações. Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados como ou com que ireis falar, porque nessa hora vos será dado o que deveis dizer. Com efeito, não sereis vós que ireis falar e sim o Espírito de vosso Pai é quem falará através de vós” (MT 10, 16-20).

Não nos devemos espantar. Seguir Cristo hoje como ontem é arriscado. Se o mestre conheceu a cruz, o mesmo acontecerá com o discípulo. Os mártires de ontem ou de hoje dão testemunho disto. Jesus dá três instruções aqui aos seus discípulos que irão partir como missionários. Elas se aplicam também a todos nós que atravessamos adversidades, às vezes, bem sofridas na vida.

Em primeiro lugar, prudência, flexibilidade. Os lobos e tantas outras dificuldades estão em torno de nós, em nós mesmos. Nenhum ataque frontal! Caminhar sem irritar os demônios, antes deixá-los dormir. Não ampliar nossos problemas significa continuarmos livres.

Em seguida, a suspeita. Se as perseguições se aproximam “por causa do Senhor”, então desconfiemos e cuidemos para não nos deixar impressionar. O testemunho reside em nossa força, nossa estabilidade, nossa tranqüilidade. Deus está conosco.

Enfim, “o Espírito de vosso Pai falará por vós.” É a palavra que ilumina a vida de todo mártir e a vida de cada um de nós. No meio de provações, quaisquer que sejam, o Espírito repousa dentro de nós, fala conosco. Acreditar nessa presença, experimentar essa força é a fonte da paz. A felicidade é viver com Cristo, segui-lo.

Seremos sempre os discípulos do Cristo ressuscitado. Testemunho das provas superadas graças a ele.

B) Apresentação do capítulo

“Ser discípulo de Cristo hoje”

Discernir os sinais dos tempos significa, em nossas sociedades incertas, saber estar atentos à verdade do que dizem os outros, sem renunciar a testemunhar a mensagem do Cristo.

Jesus, por sua morte aceita e sua ressurreição, mostrou que o amor é a lei fundamental, a última finalidade da vida. A fé do filho de Deus é inseparável da dádiva de si, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com os outros. O ideal cristão convida a ultrapassar a falta de confiança e os comportamentos defensivos a que nos leva o mundo atual. Diante da complexidade de nossas sociedades, não devemos renunciar a testemunhar. Com a graça de Deus, para estimular nossa imaginação, podemos dar prova de inventividade. Fazer escolhas claras à luz do Evangelho é difícil, pois, ainda que o ensinamento cristão pareça claro e sem ambiguidade, devemos ficar atentos à verdade do que os outros dizem e ter a preocupação de não ofender. Sem escuta, a Palavra será apenas um *slogan*. Como disse Timothy Radcliffe: *“Devemos tornar-nos o outro, penetrar na sua imaginação e nos dilemas por ele enfrentados, antes de oferecer nosso ensinamento”*.

Alegria, misericórdia, paciência e perseverança são indissociáveis da mensagem evangélica; devemos achar a maneira mais adaptada às circunstâncias para comunicar. Sem esperança e confiança nos desígnios de Deus, não saberíamos ser discípulos de Cristo. O pessimismo contém o germe da derrota; o sentimento de incapacidade é uma armadilha.

O que define o cristão não é o apego à moral, mas sim a dedicação à pessoa de Jesus Cristo que nos espanta cada vez mais com a intensidade de seu amor a todos e ao próximo, dando assim sentido à existência. Quanto mais introduzirmos a Palavra de Deus em nossa vida, mais poderemos contribuir para o crescimento da humanidade de nossas sociedades.

**A política é uma expressão qualificada
e exigente do compromisso cristão.**

C) Textos para reflexão

O compromisso do cristão como discípulo de Cristo: construir a civilização do amor

A presença do fiel leigo no campo social é caracterizada pelo serviço, sinal e expressão da caridade que se manifesta na vida familiar, cultural, econômica, política, segundo perfis específicos: seguindo as diversas exigências de seu particular âmbito de atuação, os fiéis leigos exprimem a verdade de sua fé e, ao mesmo tempo, a verdade da doutrina social da Igreja, que encontra a sua plena realização quando é vivida em termos concretos para a solução dos problemas sociais. A mesma credibilidade da doutrina social reside de fato no testemunho das obras, antes mesmo que na sua coerência e lógica interna.(1153)

Compêndio da Doutrina Social da Igreja

**A coragem é a virtude mais
necessária para nós da Igreja.**

Viver sua fé

Qualquer um pode dizer “Deus é amor”. Mas esta afirmação só terá um sentido cristão se refletir a experiência de uma comunidade onde se ama, mesmo de forma imperfeita, sejam quais forem suas fraquezas. Se dissermos que Jesus ressuscitou dos mortos, mas não existir nenhum sinal de ressurreição em nossa vida, por mais que falemos de ressurreição nossas palavras não terão sentido.

Nós frequentemente lamentamos que os jovens ignorem tudo a respeito do cristianismo. Seria, porém, perda de tempo produzir mais documentos, vídeos, programas de rádio ou de televisão, sem nos dar ao trabalho de fazer da Igreja um lugar manifestamente de liberdade, de alegria e de esperança.

Devemos viver as palavras que dizemos. A verdade tem seu valor, mas nossas palavras só terão sentido se personificadas em comunidades que mostram que elas, para além de nós mesmos, orientam para Aquele que veio buscar-nos e deu-nos sua Palavra. Santo Antônio de Pádua, pregador do século XIII, queixava-se que a Igreja de

seu tempo era “inchada de palavras”. As coisas nada mudaram. Continuamos a produzir toneladas de documentos e longos sermões tediosos; mas, se as pessoas não podem perceber em nossa vida uma rajada de liberdade, eles distorcerão o Evangelho que anunciamos.

A razão de ser do cristianismo é orientar em direção a Deus, designá-lo como o sentido de nossa vida. A esperança depende da certeza de que a existência humana tem uma razão de ser; se essa razão de ser não existir, o cristianismo e todas as outras religiões são uma perda de tempo...

Deve ter ficado claro que, para atingir a verdadeira liberdade e a verdadeira felicidade, exige-se de nós uma profunda transformação. A liberdade não é apenas o poder escolher entre várias possibilidades, e a felicidade não é apenas uma agradável emoção. Trata-se de uma maneira de compartilhar a vida de Deus, e isso exige de nós uma espécie de morte e de ressurreição. É assustador. Precisamos de coração para permitir a este Deus, que está junto de nós, que nos liberte e nos cubra de alegria... A coragem é a virtude de que mais necessitamos hoje na Igreja.

Timothy Radcliffe,

Pourquoi donc être chrétien? – Flammarion Champs-Essai – Novembre
2010 – p. 12-14 (Por que ser, pois, cristão?)

D) Para refletir juntos

A razão de ser do cristianismo é orientar em direção a Deus, designá-lo como o sentido de nossa vida. Durante esse mês, que ações nos permitiriam viver nossa fé de modo concreto?

E) Orando juntos

Salmo 92, 2-6; 13-14

É bom agradecer ao Senhor,
e tocar para o teu nome, ó Altíssimo;
anunciar pela manhã o teu amor
e tua fidelidade pela noite,
com a lira de dez cordas,
com a cítara e as vibrações da harpa:

porque teus atos, Senhor, são a minha alegria,
e as obras de tuas mãos o meu júbilo.
Como são grandes tuas obras, Senhor,
e teus projetos, com são profundos!

O justo brota como palmeira,
cresce como cedro do Líbano:
plantado na casa do Senhor,
brota nos átrios de nosso Deus.

CAPÍTULO VIII

A UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM DE CRISTO

A) A Palavra de Deus

“Todas as nações são associadas à mesma herança”

“Deus não manifestou esse mistério para as gerações passadas da mesma forma com que o revelou agora, pelo espírito, aos seus santos apóstolos e profetas: em Jesus Cristo, por meio do Evangelho, os pagãos são chamados a participar da mesma herança, a formar o mesmo corpo e a participar da mesma promessa.

Eu fui feito ministro desse Evangelho pelo dom da graça que Deus me concedeu através do seu poder eficaz. A mim, o menor de todos os cristãos, foi dada a graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo, e de esclarecer a todos como se realiza o mistério que esteve sempre escondido em Deus, o criador do universo”
(Ef 3, 5-9).

A solenidade, a admiração, o entusiasmo nunca faltaram a Paulo. Aqui, ele se deslumbra. É o auge. O mistério escondido em Deus revela-se. Ele o anuncia com imenso respeito. Este mistério é que *“em Jesus Cristo, por meio do Evangelho, os pagãos são chamados a participar da mesma herança, a formar o mesmo corpo e a participar da mesma promessa”*. Um mistério? Não é algo incompreensível, mas é inimaginável para um filho do povo de Israel: os pagãos têm acesso ao Santo dos Santos, ao coração de tudo o que constitui a fé, a vida do povo; têm acesso ao Pai. Pedro já havia visto: os pagãos recebem o Espírito Santo como os apóstolos (At 10, 44-11,18). Os profetas, como Isaías, tinham previsto essa abertura aos pagãos; Paulo a vê. Qualquer homem pode *“ousar aproximar-se, confiante, do Pai, pelo caminho da fé em Cristo.”* (Ef 3,12). O desígnio do Pai é a salvação de todos os homens.

B) Apresentação do capítulo

“A universalidade da mensagem de Cristo ”

Discernir os sinais dos tempos significa ver nos fenômenos da globalização uma probabilidade para a expansão da presença do Evangelho.

Jesus anuncia várias vezes no Evangelho que veio para salvar todos os homens, sem excluir nenhum. Como no tempo dos apóstolos, essa mensagem importuna alguns; enquanto para outros essa universalidade da mensagem cristã é evidente. Porém, esta aceitação espontânea de um amor universal corre o risco de se diluir hoje em filantropia com contornos um pouco vagos. A universalidade, assim vivida, pode nos levar a uma confusão entre o que chamamos de amor por todos os homens e um tipo de solidariedade geral com eles, que poderá levar-nos a um relativismo perigoso. De fato, este amor por todos leva-nos muito frequentemente, sob o pretexto de não querer ofender o outro, a deixar de afirmar nossa identidade de cristão.

Por que afirmar nossa identidade de cristão? Porque, de acordo com a palavra de Cristo, os cristãos são portadores de uma imensa bênção para toda a humanidade; eles são portadores de uma boa nova e fermento de esperança. Devemos tornar evidentes aos olhos de todos os sinais do reino, mas a revelação do Evangelho vai mais longe: Deus vem salvar todos os povos, todos os pagãos, todas as nações, mas acima de tudo Deus se dirige a cada um de nós pessoalmente, com a mesma intensidade com que se dirigiu a Israel ou a Abraão. O amor pessoal de Deus por cada um de nós é o coração de nossa fé. Eis porque esta relação íntima, profunda e pessoal com Deus é primordial, pois é ela que ilumina nossa vida, que nos nutre e nos fortalece para anunciar o Evangelho ao qual todos os homens têm direito.

C) Textos para reflexão

Novas oportunidades de evangelização no mundo de hoje

A nossa Igreja é viva e enfrenta com a coragem da fé e o testemunho de muitos de seus filhos os desafios apresentados pela história.

Sabemos que devemos enfrentar no mundo uma dura luta contra “os Principados e os Poderes”, “os espíritos do mal” (Ef 6, 12). Não escondemos os problemas que estes desafios apresentam, mas eles não nos assustam. Isto é válido antes de tudo para os fenômenos da globalização, que devem ser para nós oportunidades para uma dilatação da presença do Evangelho. Assim também as migrações – mesmo se com o peso dos sofrimentos que comportam e dos quais queremos estar sinceramente próximos com o acolhimento próprio dos irmãos – são ocasiões, como aconteceu no passado, de difusão da fé e de comunhão entre as

variedades das suas formas. A secularização, mas também a crise da hegemonia da política e do Estado, pedem à Igreja que reconsidere a própria presença na sociedade, sem a isso renunciar. As muitas e sempre novas formas de pobreza abrem espaços inéditos ao serviço da caridade: a proclamação do Evangelho compromete a Igreja a estar com os pobres e a ocupar-se dos seus sofrimentos, à maneira de Jesus. Até nas formas mais ásperas de ateísmo e de agnosticismo sentimos que podemos reconhecer, mesmo se de formas contraditórias, não um vazio, mas uma saudade, uma expectativa que espera uma resposta adequada.

Diante dos desafios que as culturas dominantes apresentam à fé e à Igreja renovamos a nossa confiança no Senhor, com a certeza de que também nestes contextos o Evangelho é portador de luz capaz de sanar qualquer debilidade do homem. Não somos nós que guiamos a obra da evangelização, mas Deus, como nos recordou o Papa: “A primeira palavra, a iniciativa e a atividade verdadeiras vêm de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, podemos tornar-nos nós também – com Ele e n’Ele – evangelizadores”.

Mensagem final do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus,
Roma, 8 de outubro de 2012.

A salvação é oferecida a todos os homens

Povos todos, abri as portas a Cristo! O Seu Evangelho não tira nada à liberdade do homem, ao devido respeito pelas culturas, a tudo quanto de bom possui cada religião. Acolhendo Cristo, abri-vos à Palavra definitiva de Deus, Àquele no qual Deus se deu a conhecer plenamente e nos indicou o caminho para chegar a Ele.

... O anúncio e o testemunho de Cristo, quando feitos no respeito das consciências, não violam a liberdade. A fé exige a livre adesão do homem, mas tem de ser proposta, já que as multidões têm o direito de conhecer as riquezas do mistério de Cristo, nas quais toda a humanidade – assim o acreditamos nós – pode encontrar, numa plenitude inimaginável, tudo aquilo que procura, às apalpadelas, a respeito de Deus, do homem, do seu destino, da vida e da morte, da verdade (...)

A universalidade da salvação em Cristo não significa que ela se destina apenas àqueles que, de maneira explícita, creem em Cristo e entraram na Igreja. Se é destinada a todos, a salvação deve ser posta concretamente à disposição de todos. É evidente, porém, que hoje, como no passado, muitos homens não têm a possibilidade

de conhecer ou aceitar a revelação do Evangelho e de entrar na Igreja. Vivem em condições socioculturais que não o permitem, e frequentemente foram educados noutras tradições religiosas.

O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a “testemunha” por excelência (Ap 1,5; 3,14) e o modelo do testemunho cristão. O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo (cf. Jo 15,26-27).

A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar. O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentais. Mas todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário.

O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos pequenos e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas ações em profundo contraste com o egoísmo presente no homem faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem.

Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, de João Paulo II

**Só quando cada um renuncia totalmente a sua vontade
é que pode mostrar a única vontade de Cristo.**

A catolicidade da Igreja e do Cristo

A catolicidade da Igreja é a do Cristo. É a natureza do Cristo que opera; somente ela pode reunir aos mesmo tempo o homem a Deus e o homem ao homem. Em outras

palavras, a Igreja, em razão de sua catolicidade, opõe-se a qualquer discriminação, a qualquer divisão, a qualquer fechamento sobre si mesma e a tudo que provoca a divisão, não importa de onde vem, quer seja do interior ou exterior do homem.

As cores, as raças, os povos divididos, o Cristo não apenas os reúne em uma só maneira de pensar e em uma só fé; ele os reúne em um só corpo, no sentido mais forte do termo, com tudo o que inclui de intimidade, de compreensão e de amor. Outrossim, a Igreja, que é seu corpo místico pelo batismo e eucaristia, é o ponto de encontro de toda a humanidade, o único ponto de encontro para todos os povos, nações, raças, línguas, sensibilidades, aquela que dissolve todas as barreiras e os desacordos. Dessa maneira, todos se tornam um só grande corpo puro, um só espírito de intimidade e de amor, um só homem reconciliado, tendo por cabeça o Cristo, que assume tudo o que cada raça, cada povo, cada cor, cada linguagem possui como privilégios e como talentos, sem porém criar divisão, nem disputa, nem discriminação. Eis o que significa a “catolicidade” da Igreja.

Por que então a Igreja ainda não realizou plenamente essa catolicidade, ou melhor, por que ela não vive ainda plenamente no mundo segundo sua natureza católica, que deveria ser a essência de sua vida em Cristo, a manifestação de seu poder, o segredo de sua perfeição, de sua integridade divina? A razão é simples e evidente. Ela ainda não percebeu seus conceitos divinos na sua pureza, na sua dimensão sobrenatural, que excede toda lógica e toda inteligência humana.

É somente quando cada um renunciar totalmente a sua própria vontade que poderá aparecer a única vontade do Cristo. Quando cada um renegar suas paixões, seus ódios, submeter seu corpo e seu espírito à obra do Espírito Santo, então somente então o corpo místico de Cristo se manifestará e agirá no seio da Igreja para reunir os corações, os princípios e as ideias.

Padre Matta-El-Maskine

(Padre espiritual do monastério copta St. Macaire no Egito)

D) Para refletir juntos

Em nosso meio profissional, familiar e de amigos, como se manifesta nosso testemunho evangélico? Quais são suas características?

E) Orando juntos

Salmo 150

Aleluia! Louvem a Deus no seu templo,
louvem a Ele no seu poderoso firmamento!
Louvem a Deus por suas façanhas,
louvem a Ele por sua imensa grandeza!
Louvem a Deus tocando trombetas,
louvem a Ele com cítara e harpa!
Louvem a Deus com dança e tambor,
louvem a Ele com cordas e flauta!
Louvem a Deus com címbalos sonoros,
louvem a Ele com címbalos vibrantes!
Todo ser que respira louve o Senhor!
Aleluia!